

Álvaro Rodríguez Echeverría

MINISTROS E SERVIDORES DA PALAVRA

Caderno MEL 18

O conteúdo deste caderno MEL foi publicado em 25 de dezembro de 2004 como parte central da carta pastoral anual do Irmão Álvaro Rrodríguez Echeverría, Superior Geral, aos Irmãos da Escolas Cristãs, conscientes de se interesse e validade para todos educadores de nossas instituições lassalistas publicamos novamente neste caderno MEL 18 com o mínimo de cortes.

1. A Evangelização Brota da Experiência de Deus

"O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos, e o que nossas mãos apalparam da Palavra da Vida - porque a Vida manifestou-se: nós a vimos e dela damos testemunho, e vos anunciamos a Vida eterna, que estava voltada para o Pai e que nos apareceu - o que vimos e ouvimos vô-lo anunciamos para que estejais também em comunhão conosco. E a nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo. E isto vos escrevemos, para que a nossa alegria seja completa. (1Jo, 1,1-4).

"O que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que nossas mãos apalparam...". Com estas maravilhosas palavras de São João desejo iniciar esta reflexão sobre nossa missão evangelizadora no mundo de hoje, porque tenho a convicção de que esta deve nascer de uma experiência vital, de um encontro pessoal, de um amor apaixonado, que tenham transformado nossas vidas. Paradoxalmente, se a evangelização é Palavra de vida, seu pressuposto anterior é silêncio contemplativo e união amorosa. Como o expressava São João da Cruz: *"Uma palavra falou o Pai, que foi seu Filho, e esta fala em eterno silêncio; e em silêncio deve ser ouvida pela alma"* (Avisos-Pontos de Amor, nº 21).

Falando do encontro com Cristo, B. Meyer dizia: *"Se alguém se encontra com Ele em suas palavras, há algo que se torna claro: tem lugar uma entrevista, um encontro combinado, não uma teoria"*. É isto que podemos perceber na vida do nosso santo Fundador. Seu encontro com Jesus, mais que uma teoria, foi uma experiência fundacional e existencial que transformou seus critérios, suas preferências, seus objetivos, sua vida.

E isto forma parte da estrutura do ser humano, chamado desde o nascimento a amar e servir. O segredo de uma vida realizada, é levar adiante um projeto de amor e de serviço, não como uma exigência imposta desde fora, mas como um impulso que surge de dentro.

O ex-secretário geral da ONU, Dag Hammarskjöld, relatou um apelo que transformou sua vida: *"Em algum momento, de fato respondi "SIM" a alguém ou a Algo, e a partir dessa hora tive a convicção de que viver tem sentido e que, portanto, minha vida de auto-entrega tinha uma meta"*.

Responder assim ensejou a Hammarskjöld inspirar uma direção à sua vida. De fato, levou-o à cruz e à morte. O mesmo aconteceu com Ita Ford, religiosa de Maryknoll, que atuou com refugiados de Guerra em El Salvador, em 1980. Pouco antes de morrer, Ita escreveu à sua

sobrinha de 16 anos de idade, nos Estados Unidos: *"Espero que chegues a encontrar aquilo que dê sentido profundo à tua vida. Algo pelo qual vale a pena viver – até mesmo morrer - algo que te anime, te entusiasme, te faça ir para a frente. Não te posso dizer o que isto seja. Cabe a ti mesma descobri-lo, optar por isso, amá-lo"* (Dean Brackley, *Uma vocación para mi tribu: solidariedad*, ST Revista de Teologia Pastoral, Julio-agosto 2003).

Hoje, mais do que nunca, são certas essas palavras iluminadoras do Vaticano II: *"Podemos pensar com razão em depositar o futuro da humanidade nas mãos daqueles que são capazes de transmitir às gerações de amanhã razões de viver e de esperar"* (Gaudium et Spes, 31).

Sabemos que o mundo atual não facilita o descobrimento daquilo que possa conferir à vida humana um sentido profundo. Hoje se está valorizando mais o intrascendente, que nos encerra em nosso aqui e agora e no imediato e agradável; a diversão do momento, constitui um valor absoluto que nos exime de buscas vitais; o *ter* se tem convertido em fim último, e o relativismo e a indiferença formam parte de nossa equipagem. E, infelizmente, também sabemos que naquelas partes do mundo onde a religião, ainda continua sendo um valor socialmente reconhecido, se estão dando duas situações preocupantes. Por um lado, um divórcio entre fé e vida, tantas vezes denunciado, por exemplo, na América Latina; e por outro, o que é pior ainda, o fundamentalismo religioso que leva a justificar, em nome Deus, todo tipo de terrorismo.

E, contudo, como afirmava Paulo VI: *"O mundo que, apesar dos inumeráveis sinais de rejeição de Deus, paradoxalmente, o procura entretanto por caminhos insuspeitados, e que dele sente bem dolorosamente a necessidade, o mundo reclama evangelizadores que lhe falem de um Deus que eles conheçam e lhes seja familiar como se eles vissem o invisível"*(Evangelli Nuntiandi, 76).

Por isso, hoje mais do que nunca, a evangelização se está revelando como um imperativo essencial. *"Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade"* (Evangelli Nuntiandi, 14). No fundo, evangelizar não é mais que abrir-nos ao mistério de Deus ao mistério humano. É descobrir um Deus que busca o homem de maneira incondicional e gratuita, e descobrir o ser humano eternamente em busca, nunca satisfeito, sempre aberto a novas aventuras que respondam às suas insaciáveis aspirações e anseios, marcado por uma profunda nostalgia ante as experiências cotidianas da solidão, do abandono, da alienação, da expatriação, do tédio, da massificação, da frustração, da exclusão... A corrida cada vez mais acelerada por novas descobertas, explorações espaciais, tecnologia, genética... nos mostram que a pessoa deseja algo mais do que tem, e nunca termina de buscar.

Evangelizar significa termos experienciado de tal maneira a presença de Deus em nossas vidas, que espontaneamente sintamos uma força interior que, como a samaritana (*Jo 4, 28-30*), não podemos guardar unicamente para nós mesmos, mas que nos sintamos impelidos a levar ao próximo como a mais excelente das notícias, deixando abandonada a bilha de nossas seguranças e certezas. Somos chamados a ser, mais que tudo, testemunhas do Mistério.

"O que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que nossas mãos apalparam...isto vos anunciamos..." É a experiência profunda que transforma nossas vidas e que, sabemos, também poderá transformar a vida dos jovens que educamos. Compartilhar não tanto como professores, mas como testemunhas que o Pai, em Jesus Cristo, e com a força do Espírito Santo é o ministério insondável que nos permite alcançar a plena realização. Que a mesma nostalgia que temos por Deus, Deus a tem por nós, e que esta é a notícia revolucionária que pode saciar nossa sede de criaturas, que viemos do nada, mas que aspiramos ao infinito. Por isto, nos soam familiares os salmos que, amiúde, repetimos na liturgia das Horas: *"Ó Deus, tu és meu Deus,*

desde a aurora ansioso te procuro. De ti tem sede a minha alma, anela por ti minha carne, como terra deserta, seca, sem água” (Sl 63, 2). – “Como a corça suspira pelas águas correntes, assim minh’alma anseia por ti, ó Deus. Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo” (Sl 42, 2 e 3).

Deveríamos fazer nossas as palavras proferidas por Marthin Luther King, numa gelada noite de dezembro de 1964, na cidade de Oslo, onde, naquela ocasião lhe foi entregue o Prêmio Nobel da Paz do ano:

“Hoje, na noite do mundo e na esperança da boa-nova, afirmo com coragem e determinação minha fé no futuro da humanidade.

“Recuso-me a crer que o ser humano não seja mais que uma palha sacudida pela corrente dos ventos do mundo, sem possibilidade de influir o mínimo que seja no curso dos acontecimentos.

“Recuso-me a crer que o homem seja a tal ponto prisioneiro da noite sem estrelas do racismo e da guerra, que a aurora radiante da paz e fraternidade nunca possam tornar-se uma realidade.

“Creio que a verdade e o amor incondicionais terão a última palavra. A vida, ainda que provisoriamente derrotada, sempre permanecerá mais forte do que a morte.

“Creio firmemente que, mesmo em meio à bombas que estouram e dos canhões que estrondam, se mantém a esperança de uma manhã radiante.

“Ouso crer que, um dia, todos os homens da terra, poderão receber alimentação três vezes por dia para a vida do corpo; que possam ter acesso à educação e à cultura para a saúde do espírito, a igualdade e a liberdade para a vida do coração.

“Creio igualmente que, um dia, a humanidade reconhecerá em Deus a fonte de seu amor. Creio que a bondade salvadora, um dia, se tornará lei. O lobo e o cordeiro poderão repousar lado a lado, cada homem poderá sentar-se à sombra de sua figueira, em sua vinha, e ninguém mais terá motivo para sentir medo. Creio firmemente que venceremos!”

São de todos conhecidas as palavras de Karl Rahner, que ele considerava como seu testamento. Não é por isso que deixam de ter plena atualidade, e continuam sendo um desafio para nosso futuro: “*O homem religioso de amanhã será um místico, uma pessoa que tenha experimentado algo, ou não poderá ser religioso, porque a religiosidade de amanhã já não será partilhada com base numa convicção pública, unânime e óbvia*”: Porque para ser crente cada um deve descobrir, como dizia Hans Urs Von Balthasar, que “*é um ser com um mistério em seu coração que é maior que ele mesmo*”.

O mais importante para a evangelização hoje não é apenas transmitir uma doutrina, oferecer uma moral, facilitar algumas práticas religiosas. O prioritário é reviver a experiência dos primeiros discípulos em sua relação de amizade, de proximidade, de confiança com Jesus Verbo Encarnado, revelador do Pai. Creio que esta seja a melhor maneira de viver a prioridade proposta pelo Instituto, em fidelidade a nosso último Capítulo Geral, para o ano de 2004-2005, que se centraliza em nosso *ministério pastoral* (Circular 448).

“*Isto que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos, e o que nossas mãos apalparam, vo-lo anunciamos para que estejais também em comunhão conosco. E a nossa união é com o Pai e com o seu Filho, Jesus Cristo. E isto vos escrevemos, para que a nossa alegria seja completa*” - Esta é a boa-nova da Evangelização. Esta é a experiência que queremos partilhar com os jovens que educamos, e com todos aqueles com quem nos relacio-

namos, e isto é o que, como para São João, constitui para nós a fonte da máxima alegria (1 Jo 1, 4). Nosso santo Fundador pensa da mesma forma quando nos diz: *“Que satisfação para vós recordar que vossos alunos receberam a Palavra de Deus em vossas catequeses não como palavras dos homens, senão como a do próprio Deus, que operou poderosamente neles, como prova o comportamento edificante em que continuam vivendo! (Med. 207, 3).*

2. “...com os Olhos Fixos em Jesus, que vai à frente da Nossa Fé e Leva à Perfeição” (Hb 12, 2).

A pregação de Jesus tem dois pólos fundamentais: por um lado, a revelação de Deus como Abbá, e, por outro, o anúncio do Reino de Deus. Desde o início de sua pregação, Jesus proclama: *“Completo-se o tempo, e o Reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede na Boa-Nova” (Mc 1,5).* A revelação de Deus como Pai-Mãe é a boa-nova de que todos somos filhos e filhas, não importando qual seja a diferença. O anúncio do Reino, por sua vez, é a boa-nova de que todos somos irmãos e irmãs, chamados a construir um Reino *de verdade e de vida, de santidade e de graça, de justiça, de amor e de paz*” (Prefácio da solenidade de Cristo Rei)

Abbá! Possivelmente, esta seja a palavra mais revolucionária do Novo Testamento. É a revelação da proximidade de um Deus que nos ama como um pai ama seu filho. *“Pai querido, com esta fórmula singela a Igreja primitiva juntou o núcleo da fé que era a de Jesus. O que significava esta invocação para a cristandade de primitiva? Paulo o indica com toda a clareza e concisão nas Cartas aos Gálatas e aos Romanos, em termos diferentes quanto à sua forma, mas concordantes quanto ao conteúdo: ‘E a prova de que sois filhos é que Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que chama Abbá, Pai!’ (Gl 4, 6). – “... recebestes o Espírito que, por adoção, vos torna filhos, e no qual chamamos: Abbá, Pai! O próprio Espírito se une ao nosso espírito, atestando que somos filhos de Deus. E, se somos filhos, também somos herdeiros...” (Rm 8, 15-17). O que estas duas situações significam é o seguinte: “Clamar Abbá é algo que supera todas as capacidades humanas; isto só é possível dentro do novo relacionamento com Deus que nos deu seu Filho; pela ação do Espírito Santo, o próprio Deus faz brotar esse clamor em que, sempre que ressoa, se atualiza a filiação divina” (Jeremias J., Abba. El mensaje del Nuevo Testamento).*

O cerne de toda evangelização é o duplo mandamento do amor: a Deus e ao próximo. Por isso, toda a evangelização se deve traduzir fundamentalmente em paixão por Deus, e em paixão pela humanidade.

Os milagres que Jesus operou foram sinais de que o Reino de Deus chegara, manifestação do amor compassivo do Pai, realidades libertadoras que nos permitem compreender que o Reino é *promessa e realidade* ao mesmo tempo, e que nos convidam a continuar a ação salvífica de Cristo como uma das formas privilegiadas de toda evangelização.

Santo Agostinho, num texto esclarecedor, nos apresenta incisivamente esta verdade fundamental de nossa fé. *“O amor de Deus é o primeiro como mandamento, mas o amor ao próximo é o primeiro como atuação prática. Aquele que te dá o mandamento do amor nestes dois preceitos, não te ensina primeiro o amor ao próximo, e depois o amor a Deus, mas vice-versa. Mas, como não vemos ainda Deus, amando o próximo, tu merecerás vê-lo; amando o próximo, purificas teu olho para ver a Deus, como afirma São João: Se não amas o irmão que vês, como poderás amar a Deus que não vês? (cf. 1 Jo 4, 20). Se, ouvindo a exortação para amar a Deus, tu me dissesse: mostra-me aquele que devo amar”, eu só lhe poderia responder*

com as palavras de São João: 'Ninguém jamais viu a Deus' (Cf. Jo 1, 18). Mas, para que tu não te creias excluído totalmente da possibilidade de ver Deus, o mesmo João assevera: 'Deus é amor: quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus permanece nele' (1 Jo 4, 16). Tu, portanto, ama o próximo, e olhando para dentro de ti, onde nasce este amor, enquanto te for possível verás a Deus" (Tratado sobre São João, 17,7-9).

A mentalidade moderna nem sempre entendeu isto assim; Para muitos de nossos contemporâneos poderia parecer que aquilo que damos a Deus, estamos tirando da pessoa humana. Um exemplo ilustrativo disto encontramos no diálogo entre *Kaliayev*; preso por atender contra o regime czarista, e *Foka*, preso comum encarregado de limpar sua cela, em *Les Justes* de Albert Camus:

Kaliayev - Todos seremos irmãos e a justiça tornará transparentes nossos corações. Você sabe de que lhe estou falando?

Foka - Sim, do Reino de Deus...

K - Você não deve dizer isto, irmão. Deus não pode fazer nada. A justiça é coisa nossa! Você não compreende? Conhece a lenda de São Demétrio? ...Teve uma entrevista com o próprio Deus na estepe, e para lá se dirigia a toda pressa, quando encontrou um camponês com a carreta atolada. São Demétrio, então, lhe ajudou. O barro era muito, o buraco profundo. Teve que lutar durante uma hora. E, ao terminar São Demétrio, correu para a entrevista, mas Deus já não estava lá.

F. - E então?

K - E então estão ali os que sempre chegarão atrasados à entrevista porque há um número demasiadamente grande de carretas atoladas e um número demasiadamente grande de humanos a socorrer.

Para nós é todo o contrário. A fé nos diz que são o irmão, a irmã, necessitados, onde melhor podemos descobrir Deus, e que tudo o que fizemos ao menor de todos, é como se o tivéssemos feito a Ele. O encontro com o próximo necessitado, longe de ser obstáculo, é o caminho normal em nosso itinerário para Deus. Assim também o foi para nosso santo Fundador, que nos convida a "*reconhecer Jesus sob os pobres farrapos dos meninos que deveis instruir*" (Med. 96, 3).

Evangelizar é dar seguimento à missão de Jesus. São João Batista de La Salle nos convida a viver nosso ministério como discípulos de Jesus que sentem que não podem guardar unicamente para si mesmos a graça desse maravilhoso encontro capaz de transformar a vida, mas que se sentem chamados a partilhar esse dom com seus alunos: "*Não é bastante que sejais verdadeiros servos de Jesus Cristo: deveis também fazer que vossos alunos o conheçam e adorem. A isto deve tender o empenho que tendes de vossa própria perfeição*" (Med. 182, 3). E, como consequência, devemos ter a consciência de que não podemos dar aquilo que não possuímos: "*Cada dia estais com os pobres e da parte de Deus deveis revesti-los de Jesus Cristo e de seu espírito. Tivestes cuidado de revestir-vos primeiro desse espírito antes de empreender tão santo ministério, para poder comunicar esta graça a vossos alunos?*" (Med. 189,1).

O santo Fundador nos convida a nos conformarmos com Cristo em nosso ministério de educação cristã. Para o Fundador trata-se de uma conformidade num nível cada vez mais profundo de identificação, e não simplesmente a cópia de um modelo exterior. "*Para desempenhar bem vosso ministério e exercer vossas funções junto aos alunos, não seria sufici-*

ciente só conformar-vos a Jesus Cristo em seu proceder exterior na conversão das almas, se não entrásseis também em 'seus modos de ver e suas intenções'" (Med.196, 3).

Essa preocupação de entrar em conformidade interior com Jesus Cristo, aparece seguidamente na Explicação do Método de Oração Mental. Assim, por exemplo, quando nos expõe o ato de união sobre a humildade: "Que a união de vossa santa graça me ensine a ser *humilde de coração* e a praticar a humildade, não apenas exteriormente, como as pessoas do mundo, por política, mas com *vistas de fé, em união com vosso Espírito, em conformidade com vossas disposições e em imitação a vós*" (EMO 15, 285, 2).

A conformidade com Jesus deve levar-nos a ser *sacramento de Cristo* para nossos alunos: "*Ele quer que vossos alunos vos considerem como a Ele próprio, e recebam vossas instruções como dadas por Ele pessoalmente. Devem estar persuadidos de que a verdade de Jesus Cristo fala pela vossa boca, e que é unicamente em seu nome que ensinai, porque Ele vos confere autoridade sobre eles*" (Med. 195, 2). Trata-se, pois, de viver uma fé profunda, condição primeira de toda evangelização autêntica: "*Tendes uma fé capaz de comover o coração de vossos alunos e de inspirar-lhes o espírito do cristianismo? Este deveria ser o maior milagre que podeis operar: É o milagre que Deus exige de vós, por ser a finalidade de vosso emprego*" (Med. 139, 3).

A conformidade com Jesus Cristo deve levar o Irmão, não só a comunicar vida abundante aos jovens (*cf Meti 201, 3; 196, 3; 45, 1. EMO 25, Meti 112,3*), mas de dar por eles, como Jesus, a própria vida: "*Vosso zelo em ensinar as verdades do evangelho deve ir tão longe que, para contribuir nisto, deve dispor-vos a dar até mesmo Vossa própria vida, tão caras vos devem ser as crianças de que estais encarregados*" (cf. Med. 198, 2).

3. Ministros da Palavra, segundo São João Batista de La Salle

Sobretudo nas Meditações para o Tempo do Retiro, nosso santo Fundador muitas vezes nos incita a nos considerarmos como Ministros de Deus e Dispensadores de seus Ministérios. Isto constitui uma das dimensões mais maravilhosas de nossa missão. "*Não deveis duvidar de que a graça que Deus vos concedeu, encarregando-vos de instruir os alunos, e anunciar-lhes o Evangelho e de educá-los no espírito Cristão, é um dom extraordinário*" (Med. 201, 1).

Ministros da Palavra e embaixadores de Cristo, devemos, em primeiro lugar como Ezequiel ou Jeremias, devorar, digerir, interiorizar, ruminar essa Palavra (*Ez 3, 1-3, Ir 15, 16*). A isto nos convida claramente nossa Regra: "*Para compenetrar-se do espírito do Instituto e viver nele, os Irmãos nutrem-se permanentemente da Palavra de Deus, que estudam, meditam e partilham entre si. Manifestam respeito profundo pela Sagrada Escritura, especificamente pelo Evangelho, sua "primeira e principal Regra". (R. 6).*

Nosso Fundador emprega outro verbo, e no Método de Oração Mental nos convida a "*saborear*", apreciar ou sentir o sabor da Palavra. Os textos da Sagrada Escritura, "*sendo palavras de Deus, segundo nos ensina a fé, têm em si uma união divina, nos conduzem por si mesmas a Deus, nos fazem saborear Deus, e nos ajudam a manter o olhar em Deus, e também a conservar em nós o gosto de Deus*" (EMO 4, 143).

Devemos chegar-nos à Bíblia, não como a um tratado, mas como a uma história, como a uma narrativa. A história viva do amor de Deus aos homens. Mas, não devemos ler essa história como algo do passado, mas como uma história que nos ajuda a entender onde estamos atualmente, e para onde nos devemos dirigir. É por isso que Jesus nos diz no Evangelho: "*Hoje se está cumprindo esta palavra*" (Lc 4,21). Ao citar o profeta Isaías e apresentar-nos sua

consagração pelo Espírito e sua mensagem programática de *anunciar a Boa-Nova aos pobres, proclamar a libertação aos presos, e, aos cegos a recuperação da visão; para dar liberdade aos oprimidos e proclamar, um ano de graça da parte do Senhor*" (Lc 4,18-19), nos diz, não somente qual é sua missão, mas também aquela que nós, hoje, somos chamados a viver.

O programa de Jesus, hoje, deve ser o nosso programa. O Espírito do Senhor está também sobre nós, e nos consagrou a levar a Boa-Nova aos jovens: "*Deus Nosso Senhor, em seu poder e bondade particular, vos chamou para transmitir o conhecimento do Evangelho aos que ainda não o conhecem. Considerai-vos, por isso, como os Ministros de Deus. Desempenhai o vosso emprego com todo zelo possível, como quem deve dar contas dele*" (Med. 140, 2).

Isaías, ao recordar a libertação do Egito e o Mar Vermelho aos desterrados na Babilônia lhes diz: "Não deveis ficar lembrando as coisas do começo, nem é preciso ter saudades das coisas do passado. Eis que estou eu fazendo coisas novas, estão surgindo agora, e vós não percebeis? Sim, no deserto eu abro um caminho, rasgo rios na terra seca. Glorificam-me os animais selvagens, chacais e avestruzes, por eu ter feito brotar água no deserto, rios na terra seca, para dar de beber a meu povo, o meu escolhido. O povo que formei para mim vai recitar, então, o meu louvor" (Is 43, 18-21).

Isaías conta esta história não para alentar o escapismo, mas para que todos se dessem conta de que então estava acontecendo a mesma coisa com eles. Assim devemos nós acercarnos da Bíblia. Ler o texto não simplesmente como ponto de partida para a reflexão, nem para extrair dele lições morais, nem como informação sobre fatos do passado, mas como uma história que lança luz sobre a realidade atual, uma ajuda para compreender o que está acontecendo no presente e um convite para prolongar em nosso hoje a ação salvífica de Deus. A palavra de Deus nos introduz numa relação e não numa lembrança, "Trata-se da relação viva em que, aqui e agora, sou eu quem reconhece Deus presente em minha existência, acolhendo-me, guiando-me, falando-me" (Andrés Torres Queiruga).

Assim o fez Jesus, e assim o devemos nós fazer, sem esquecer que os textos bíblicos nos devem, por fim, centrar na Pessoa de Jesus, última e definitiva palavra que Deus Pai pronunciou, e que o Espírito Santo atualiza cada dia no mais profundo de nosso ser e no mundo. "*A escuta dos Evangelhos, o mais profundo e rigoroso dos conhecimentos das palavras evangélicas são insuficientes e enganosos sem um olhar fixo no personagem vivo, sem a contemplação direta do Senhor. O valor insubstituível dos Evangelhos, o sinal de sua autenticidade é precisamente o que sempre impede separar as palavras da Palavra*" (Jacques Guillet).

A meditação da Palavra de Deus, a *lectio divina*, deve sempre concluir com abertura, compromisso e doação. Depois de ter lido atentamente o texto, e de me perguntar o que Deus me diz em si mesmo, e de escutá-lo de coração aberto; depois de deixar brotar meus sentimentos de paz, gozo, alegria, confiança, gratidão, louvor, perdão, e tudo quanto palpita em meu coração, sinto que o diálogo com Deus, que pôde converter-se em contemplação silenciosa, não se conclui aqui. Sinto que essa Palavra não é somente para mim. Sinto necessidade de anunciá-la. Divulgar essa mensagem. Esse dom de Deus, sua Palavra, tenho que partilhá-la com meus Irmãos, com os jovens que o Senhor me confiou. Porque, como diz nosso Fundador: "*O emprego que exerceis obriga-vos a mover os corações. Mas isto somente o podereis com a cooperação do Espírito Santo. Pedi-lhe queira conceder-vos, hoje, a mesma graça que infundiu nos santos apóstolos e que, depois de vos encher do seu Espírito, a fim de santificar-vos, também vo-lo comunique para operardes a salvação dos outros*" (Med. 43, 3).

E a maneira mais convincente de transmitir a Palavra de Deus, é o próprio testemunho do Irmão que se deixou transformar por ela, e que manifesta em sua vida cotidiana a realidade que anuncia. “É em vão que credes no que Jesus vos propõe no santo Evangelho, se vossas obras não dão testemunho: vossa fé é vazia. Manifestai também com vossas obras que sois filhos daqueles que foram instruídos pelos santos apóstolos nas verdades da fé. (...) Em que é que dais a conhecer que possuís o espírito do cristianismo? Ficai sabendo que, para ter o espírito cristão, é preciso que vossas obras não desmintam a fé que professais e que seja a viva expressão do que se encontra no Evangelho” (Med. 84, 3).

4. Comunicar a Fé Hoje

Penso que seja importante lançar um olhar retrospectivo sobre nosso passado e estudar quais foram os motivos que deram vida à nossa Missão Lassalista, e que continuam iluminando nossa ação educativa e evangelizadora. O *para quê nascemos* deve continuar iluminando hoje o *quê fazemos*.

Nas palavras do Fundador: “O fim deste Instituto é dar educação cristã aos meninos; e, com este objetivo, se mantêm as escolas, para que, estando os meninos da manhã à tarde sob a direção dos professores, possam estes ensinar-lhes a bem viver, instruindo-os nos mistérios de nossa santa religião, inspirando-lhes as máximas cristãs, e assim dar-lhes a educação que lhes convém” (Regra de 1718, 1, 3). E o Fundador prossegue: “Procurar este benefício aos filhos dos artesãos e dos pobres, tem sido o motivo pelo qual foram instituídas as Escolas Cristãs” (*idem* 1,5).

É neste mesmo sentido que devemos interpretar a insistência sobre a *gratuidade* para facilitar que os pobres pudessem fazer-se presentes nas escolas, “Os Irmãos, em todos os lugares, darão aula gratuitamente, e isto é essencial a seu Instituto” (*idem* 7, 1). A gratuidade não tem somente uma conotação econômica. Trata-se também de uma atitude espiritual, porque o ministério do Irmão constitui um dom gratuito da bondade de Deus, que, por sua vez, deve traduzir-se numa doação gratuita e desinteressada que tome visível o amor incondicional de Deus às crianças e aos jovens.

Por outro lado, o Fundador se preocupa, e expressa em algumas de suas cartas (C 75,8, 58,20..) que a *escola vá bem*. Gratuidade não significa relegar a eficácia. Pelo contrário, o Fundador sempre manifestou uma vontade de eficácia histórica, que o levou a mudanças revolucionárias e corajosas, como o método simultâneo na escola elementar, o uso da língua materna em lugar do latim, uma pedagogia prática que prepara para a vida, seu vivo anseio de responder às necessidades da época com um realismo pedagógico sadio.

No fundo, trata-se de pôr os meios de salvação ao alcance dos jovens e, por isso, o espírito de fé que anima o Irmão à luz dos valores evangélicos, deve traduzir-se em zelo ardoroso pela salvação daqueles que estão sob seus cuidados, *educando-os na piedade e no verdadeiro espírito Cristão, isto é, segundo as regras e as máximas do Evangelho* (R. 1718, 2, 10).

Se olharmos para nosso passado e recordamos nossas raízes, não é para repetir mecanicamente aquilo que o Fundador e seus primeiros Irmãos realizaram em sua época, condicionada por situações e limitações determinadas, como são todas as épocas. O importante é manter vivo o espírito que os animou em sua missão de construir o Reino de Deus através da educação cristã. Aquilo que o Fundador dizia aos primeiros Irmãos continua tendo plena atualidade para nós hoje, contanto que o adaptemos ao nosso mundo em mudança. “Fostes chamados por Deus para substituir os apóstolos no ensino da doutrina de Jesus Cristo e a for-

tificar sua santa lei no espírito e no coração de vossos alunos, quando explicais o catecismo. Esta é a principal função de vosso estado” (Med.145, 3).

Este não é um desafio fácil num mundo secularizado, onde o religioso perdeu significado, como, tampouco, o é num mundo que mantém esses valores, mas, muitas vezes, afastados da vida. Há 40 anos, a Declaração **O Irmão das Escolas Cristãs no Mundo de Hoje** já nos asseverava: *“Mais fundamentalmente, a mentalidade contemporânea se desinteressa pela mensagem Cristã, na medida em que é apresentada como uma ideologia abstrata, imposta do exterior por via de autoridade, ou por dedução a partir de princípios, sem relação com a vida concreta e a situação pessoal do homem. O homem moderno parte dos fatos concretos de sua própria experiência. Além disso, volta-se menos para a preservação do passado do que para a construção do futuro. Estará muito pouco interessado por uma catequese que lhe aparece como a transmissão de um sistema de pensamentos, herdado do passado, e a constante repetição de fórmulas convencionais. – Essas dificuldades nos convidam a uma pesquisa comunitária clarividente e corajosa. De modo algum renunciemos ao nosso propósito de anunciar Jesus Cristo: cremos que a juventude de hoje necessita da mensagem evangélica e que ela é capaz de ouvi-la” (Declaração, 39, 3,4).*

Porque, apesar das aparências, o mundo de hoje, particularmente o dos jovens, quando se sabe motivá-los, é muito sensível à busca do transcendente. *“Se aos jovens se apresenta Cristo com seu verdadeiro rosto, eles o experimentam como uma resposta convincente e são capazes de acolher a mensagem, mesmo que seja exigente e marcada pela cruz. Por isso, vibrando com seu entusiasmo, não tive dúvidas em pedir-lhes uma opção radical de fé e de vida, assinalando-lhes, uma tarefa estupenda: a de se fazerem **sentinelas da manhã** nesta aurora de novo milênio” (João Paulo II, in Novo Milênio Ineunte, 9)*

Por conseguinte, a educação cristã tem que desempenhar um papel importantíssimo em nossa realidade atual, contanto que a compreendamos de uma maneira integral, como uma educação capaz de humanizar, de personalizar, exercendo uma função crítica que possibilite a criação de uma nova sociedade, participativa e fraterna, que converta o educando em sujeito, não só de seu próprio desenvolvimento, mas também a serviço do desenvolvimento de sua comunidade, que permita interiorizar e tornar os valores evangélicos norma de vida.

A este respeito, será interessante analisar o processo que os bispos latino-americanos esquadrinharam em sua reflexão sobre a educação cristã, e que, assim me parece, poderíamos aplicar em muitos outros contextos. Em Medellín nos falaram de uma educação *libertadora*; em Puebla, nos pediram também uma educação evangelizadora, porque *o melhor serviço prestado ao irmão é a evangelização que o dispõe a realizar-se como filho de Deus, o liberta das injustiças e o promove integralmente* (Puebla, 1.145). E em Santo Domingo explicitam esse objetivo: *Quando falamos de uma educação cristã, falamos de que o professor educa para um projeto de homem em que viva Jesus Cristo; por isto, o professor cristão deve ser considerado como sujeito eclesial que evangeliza, que catequiza e educa cristãmente. Tem uma identidade definida na comunidade eclesial. Seu papel deve ser reconhecido na Igreja” (Santo Domingo, 265).*

O objetivo da educação cristã é sumamente ambicioso. Trata-se de renovar a fé como doutrina e como forma de vida, para que seja fundamento de uma nova existência pessoal. Uma fé capaz de responder não só às perguntas extremas da existência, mas uma fé que se encarna na história e se traduz em exigências de transformação social e estrutural. Fé que não seja somente *profissão*, mas também estilo de vida marcado pelos critérios evangélicos.

Um Instituto Internacional como o nosso abarca diversas sensibilidades e expressões. Isto, sem dúvida, é uma das nossas grandes riquezas, mas ao mesmo tempo, torna mais difíceis os procedimentos e o vocabulário. Além destes termos, nem sempre entendidos da mesma maneira, não é a mesma coisa a transmissão da fé num contexto secularizado, como num ambiente que conserva a mentalidade religiosa.

Devemos chegar-nos das mudanças que estamos vivendo a partir de três atitudes:

* **A imersão:** convite para tomar em consideração a própria realidade, a mergulharmos no mundo dos jovens e entrar em diálogo com eles.

* **Um olhar sistemático:** diferente de um estudo atomístico que analisa as coisas em forma linear e de causa para efeito. Um olhar sistemático certifica que um sistema é formado por elementos interdependentes, e nos apresenta uma lógica do sistema em interação com o entorno. Na realidade, as duas sensibilidades são necessárias: a de uma transmissão linear da herança histórica, e a que surge da perplexidade afetada pela amplitude das mudanças, e pelas interações que somos chamados a estabelecer.

* **A individualização:** porque cada indivíduo administra à sua maneira sua própria fé, e, sem preocupar-se tanto por uma herança recebida como pelas experiências pessoais vividas.

A **escola lassalista** deve ser o espaço privilegiado para pôr em prática a missão do Instituto. É questão de ver como a escola, hoje, pode continuar sendo um instrumento de evangelização no ambiente pluricultural, consumista e secularizado em que estamos vivendo em muitos lugares, e como pode ajudar os jovens a passar de uma teoria ou de práticas religiosas para uma verdadeira experiência de vida, ali onde os valores religiosos têm maior pertinência. E isto em vários níveis: o próprio ambiente da escola, a catequese explícita, a pastoral, os grupos apostólicos ou de vida cristã, a abertura às famílias, o compromisso com a Igreja e com a sociedade e, em especial, com os pobres, o diálogo ecumênico e inter-religioso.

5. Inculturação da fé

Sabemos que a espiritualidade lassalista é uma espiritualidade da Encarnação. O santo Fundador nos convida a viver esse mistério a partir de uma dupla perspectiva. Vivê-lo e anunciá-lo a partir de uma caridade sem limites como a de Jesus, feito um de nós; vivê-lo e anunciá-lo a partir de uma humildade profunda que nos leve a tornar-nos crianças no sentido evangélico, para que nossa mensagem possa estar ao alcance das crianças e dos jovens que educamos. A espiritualidade lassalista da encarnação unifica corpo e alma, profano e sagrado, escola e catequese, promoção humana e evangelização. É uma espiritualidade que parte de uma realidade sempre iluminada pela Palavra. A Encarnação se expressa num tríplice movimento: proximidade, solidariedade e identificação. O mistério do Verbo Encarnado ilumina a tarefa que hoje devemos desempenhar para inculturar o Evangelho nas distintas realidades do mundo.

A este respeito, a Regra nos diz o seguinte: *“Toda cultura precisa ser evangelizada. Os Irmãos empenham-se por conhecer, respeitar e assimilar os valores positivos da herança cultural dos povos em que estão inseridos e aos quais são chamados a servir: Com alegria e esperança, descobrem neles os sinais da presença do Espírito. Zelam para que o fermento evangélico chegue a renovar e enriquecer toda essa herança cultural”* (R. 18)

O diálogo com as culturas permitirá ao Evangelho fecunda-las, fazendo avançar o desígnio de salvação de Deus na história da humanidade, particularmente nos novos arcópagos que

o mundo nos apresenta hoje. E nos aproximará das culturas locais com seu sentido contemplativo e seus valores de solidariedade e participação.

Como Paulo VI muito bem expressou: "O Evangelho, e conseqüentemente a evangelização, não se identificam por certo com a cultura, e são independentes em relação a todas as culturas. E, no entanto, o reino que o Evangelho anuncia é vivido por homens profundamente ligados a uma determinada cultura, e a edificação do reino não pode deixar de servir-se de elementos da civilização e das culturas humanas. O Evangelho e a evangelização independentes em relação às culturas, não são necessariamente incompatíveis com elas, mas suscetíveis de as impregnar a todas sem se escravizar a nenhuma delas"(Evangelii Nuntiandi, 20).

Torna-se, pois, importante refletir sobre alguns princípios concretos para a inculturação do Evangelho:

1. Em primeiro lugar é necessária uma mudança de atitude. Passar da imposição à escuta; do mandar ao partilhar; do pensar que já sabemos tudo à tarefa humilde e exigente de prepararmos para evangelizar de uma forma nova no mundo da educação. Não podemos esquecer que um povo ao qual se impõem formas de ser e de pensar alheias, que não tomam em consideração seu substrato cultural, cedo ou tarde terminará repelindo-as, ou serão nele algo periférico e superficial.
2. Assumir, não só em teoria, mas também na prática, que Deus se manifesta em todas as culturas e através de todas as expressões religiosas. "Em todas as culturas e religiões se encontra a **semente do Verbo de Deus e a força do Espírito de Deus**. Isto implica uma aproximação respeitosa das diversas culturas e religiões" (Circular 435, página 39). Isto não é fácil porque estamos acostumados a pensar que somos donos da verdade, e que nosso trabalho consiste simplesmente em transmitir aquilo que já possuímos, sem novas buscas e abertura à verdade do outro.
3. Também é importante uma inculturação no mundo dos jovens. A 5ª Comissão do nosso 42º Capítulo Geral afirmava: "Verificamos que existe um abismo entre o universo cultural dos jovens e as realidades do Instituto e da Igreja. Isto nos obriga a uma tomada de consciência que compromete a todos os Irmãos, tanto os dos países desenvolvidos como dos países em vias de desenvolvimento, a intensificar o processo de inculturação no mundo dos jovens de todas as culturas. Isto nos permitirá estar em harmonia com suas aspirações. Disto redundará um novo impulso de otimismo e de vitalidade para todo o Instituto, que virá em benefício da pastoral vocacional".
4. Respeitar as pessoas que pensam e que são diferentes de nós, na convicção de que "a salvação se realiza em todas as culturas, inclusive para além dos próprios limites da Igreja visível" (Circular 435, página 39). Devemos viver esta atitude também no interior da Igreja e de nossas comunidades educativas.
5. Um aspecto prático da inculturação pressupõe certa estabilidade nos lugares de missão. A inculturação supõe uma preparação e algumas mudanças psicológicas e espirituais que necessitam de tempo para amadurecer e dar frutos.
6. Como nos lembrava o 42º Capítulo Geral: Devemos ter a convicção de que o Evangelho é Boa-Nova para todas as culturas. "O Evangelho deve fecundar as culturas fazendo avançar o desígnio de salvação de Deus na história da humanidade, porém, mais com vistas de reconhecimento e de promoção do Reino de Deus, do que unicamente a conversão individual. Isto traz consigo a acolhida e o respeito por aquilo que "diferencia". Já não é possível par-

tir do “próprio” para encontrar o “outro” mas será preciso partir do “outro””. (Circular 435, páginas 39-40).

7. E, ao mesmo tempo e sem negar o anterior, não renunciar ao específico cristão, capaz de purificar e de enriquecer toda cultura. A pessoa e a mensagem de Jesus de filiação, fraternidade, amor incondicional, perdão sem limites, são a maior riqueza que podemos ofertar ao homem em sua relação religiosa com Deus, com o próximo e com o mundo. Como Pedro, hoje podemos dizer ao homem, não importando de qual cultura, esmagado por tantos sem-sentidos: “*Ouro e prata não tenho; o que tenho eu te dou; em nome de Jesus Nazareno, levanta-te e anda*” (At 3, 6).

6. Anúncio e Diálogo

O Anúncio de Cristo e o Diálogo Inter-religioso são duas atividades da Evangelização, complementárias mas distintas entre si. João Paulo II nos diz: “*À luz do plano de salvação, a Igreja não vê contraste entre o anúncio de Cristo e o diálogo inter-religioso; sente necessidade, porém, de conjugá-los no âmbito da sua missão “ad gentes”. De fato, é necessário que esses dois elementos mantenham seu vínculo íntimo e, ao mesmo tempo, a sua distinção, para que não sejam confundidos, instrumentalizados, nem considerados equivalentes, a ponto de se poderem substituir entre si*” (Redemptoris Missio, 55).

Inspirados no caminhar da Igreja, e nas mudanças na sociedade nos últimos anos, nosso Capítulo Geral do ano 2000 propôs, entre outras, duas urgências para estes sete anos. Por um lado, o anúncio explícito da fé, ali onde for possível, e por outro lado, a presença lassalista nas sociedades multirreligiosas (Circular 447, páginas 31 a 33).

6.1. Anúncio

“*A Boa-Nova proclamada pelo testemunho de vida, deverá, mais tarde ou mais cedo, ser proclamada pela palavra da vida. Não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados*” (Evangelii Nuntiandi, 22). Por isso, Paulo VI afirmava que a partir do discurso de Pedro no dia de Pentecostes, a história da Igreja se confunde com a história desse anúncio. Ali onde for possível, nos diz nosso Capítulo Geral. Mas isto não significa que nos contentemos com mínimos. Por vocação somos ministros da Palavra e somos chamados a vivê-la, anunciá-la e partilhá-la. Como São Paulo podemos dizer: “*Pois, anunciar o Evangelho não é para mim motivo de glória. É antes uma necessidade que se impõe! Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho!*” (1 Cor 9, 16).

Nosso santo Fundador, por sua vez, afirma que esse anúncio nos deve levar a uma profunda vida de oração, para que nossas palavras venham a ser verdadeiramente eficazes: “*Tendes a vantagem de participar das funções apostólicas, através do ensino diário do catecismo às crianças que educais, instruindo-as nas máximas do Santo Evangelho. Não produziríeis, porém, fruto algum para elas, se não possuísseis um perfeito espírito de oração, que confere às vossas palavras a unção santa e as torna eficazes, penetrando bem fundo em seus corações*” (Med. 159, 2).

Há mais de trinta anos, a Declaração **O Irmão das Escolas Cristãs no Mundo de Hoje** nos propôs uma série de elementos sobre a primazia de nossa missão catequética, que é bom não esquecer, e que sintetiza a rica herança lassalista que tem caracterizado o Instituto durante

mais de 300 anos. A Regra recolheu o essencial dessa tradição e nos diz: “*Os Irmãos consideram como 'sua principal função' o trabalho de evangelização e de catequese, através do qual contribuem ao crescimento da fé dos batizados e à edificação da comunidade eclesial. Essa convicção determina tanto sua formação quanto a escolha das tarefas de que serão incumbidos*” (R. 15).

Por outra parte ainda sabemos que entre evangelização e promoção humana existem vínculos muito vigorosos e, por isso, é importante não esquecer, sobretudo naqueles casos em que o anúncio explícito não é possível, que “*O Irmão trabalha na realização do desígnio divino de salvação não somente exercendo o ministério da Palavra de Deus, mas também dedicando-se à educação daqueles a quem ajuda a 'atingir a humanidade verdadeira e plena pela cultura*” (Declaração 13, 5, cit. *Gaudium et Spes* 53).

A Declaração também afirma, sem rodeios, o papel fundamental do próprio catequista: “*Não é nos livros ou nas palavras que os jovens encontram antes de tudo o Deus que os chama pelo nome, mas na pessoa de seu catequista*” (Declaração 40, 5).

Ao estudar este tema, o 43º Capítulo Geral nos apresenta uma visão realista daquilo que hoje estamos vivendo e da diversidade de situações que atualmente se nos apresentam. O anúncio explícito da Boa-Nova apresenta problemas em todos os continentes: quer seja por causa do contexto multirreligioso, quer seja por causa da descristianização, da secularização ou da descrença. O Capítulo Geral também verificou que, quando o anúncio explícito da Boa-Nova é feito de maneira impositiva, está votado ao fracasso, porque o jovem não se sente respeitado. O anúncio explícito da Boa-Nova se realiza através da disciplina de religião no currículo, dentro do horário escolar, e mediante atividades pastorais fora do horário escolar. O anúncio explícito da Boa-Nova também se realiza, em não poucos casos, por meio de nossos Colaboradores. Apesar das dificuldades, sua doação é notória e se traduz por uma exigência de formação e pela concretização de planos de formação catequética.

A partir destas verificações somos convidados a um renovado compromisso de Irmãos e de Colaboradores na catequese, e a uma renovada formação específica nesta matéria, pelo que é muito importante, como já assinalamos ao falar da inculturação, introduzir-se no mundo dos jovens e em sua cultura, certamente ambígua, mas portadora de valores evangélicos.

Dentre minhas recordações de jovem Irmão, não posso esquecer a influência que em minha vida exerceram três fatos catequéticos do Instituto, naqueles anos conciliares, caracterizados por uma aura de renovação e de entusiasmo. Agradeço ao Senhor ter podido estudar no São Pio X de Salamanca, onde a catequese ocupava um lugar privilegiado, não somente em nível do curricular, mas também, e sobretudo, no espírito que se respirava. A Revista *Sinite*, o Fichário Catequético, a sala de exposições catequéticas são disto uma prova. Em segundo lugar, a publicação pelo Irmão Michel Sauvage de *Catequese e Laicato*, que constitui um marco em nossa história, e, finalmente, a publicação pelo Irmão Nicet-Joseph, Superior Geral, da Circular 371, de 2 de fevereiro de 1962: *A Missão de Catequista do Irmão das Escolas Cristãs*.

O Irmão José Maria Pérez Navarro, em sua tese de doutorado *A Catequese Lassalista nos Últimos Cinquenta Anos* sintetiza o essencial dessa importante Circular 371, e reconhece, ao mesmo tempo, a atualidade que continua tendo para nossa missão catequética: “*A catequese é uma prioridade para a Igreja; nossa missão é uma das mais necessárias, o anúncio de Jesus Cristo é o centro da catequese; o catequista deve ter uma boa preparação sob todos os aspectos; a escola cristã é um espaço privilegiado para o anúncio da Boa-Nova; a catequese deve ocupar um lugar de destaque na escola; a escola cristã deve viver um clima favorável*

para que a fé possa crescer; a escola cristã deve converter-se em comunidade de fé viva; não se fará verdadeira educação da fé sem o testemunho dos educadores e de um ambiente fraterno que nela deve reinar” (página 180).

Creio que para nós, hoje, se torna cada vez mais claro que a Catequese deve integrar-se no âmbito mais amplo da Pastoral, E, neste sentido, não é a mesma coisa a pastoral na escola e uma escola em pastoral. A pastoral não deve ser reduzida ao sacramental ou litúrgico. A escola em pastoral é aquela em que a práxis transformadora de uma comunidade eclesial toma corpo, comprometendo-se na proclamação da dignidade da pessoa, celebrando, assim, a presença salvadora de Deus no meio dela.

A pastoral é a mediação que facilita o encontro da pessoa com Deus e o descobrimento de seu desígnio de salvação. Não devemos esquecer que, hoje, uma forma necessária e urgente de evangelizar é humanizar. E esta sempre é possível, mesmo nos ambientes pluralistas onde cada vez mais nos movemos. No fundo, ser cristão significa promover tudo o que há de humano em nós, vivendo um relacionamento fraterno entre nós, e uma relação filial com Deus. *“Abrir os jovens à vida, ao sentido das responsabilidades ao conhecimento e ao amor, já é realizar a obra de Deus, cujo Reino tanto se constrói pela atividade da Igreja quanto pelo trabalho do mundo”* (R. 15c).

Tendo presente ao mesmo tempo que, em ambientes cristãos, a pastoral, como parte da missão da Igreja, constitui o conjunto de ações para tornar presente a salvação, mediante o conhecimento de Jesus Cristo, sua vida, sua mensagem e seu mandamento fundamental: o amor. Nosso Fundador coloca bem alto a faixa que deveríamos procurar alcançar: *“Se amardes de veras a Jesus Cristo aplicar-vos-eis com todo o cuidado possível a infundir seu santo amor no coração dos meninos que estais formando, para deles fazerdes seus discípulos. Empenhai-vos de sorte que pensem muitas vezes em Jesus, seu bom e único mestre; que falem com freqüência de Jesus, que só aspirem a Jesus e só respirem para Jesus”* (Med. 102, 2). Neste sentido podemos falar de uma pastoral do *discipulado*.

A pastoral se traduz numa imensa gama de possibilidades inspiradas pela criatividade e pelo zelo apostólico: Departamento de Educação da Fé, Comissões, Voluntariado, Comunidades Cristãs de Vida, Grupos de Jovens, Grupos de Oração, Missões, Grupos Apostólicos de Serviço a Pobres, Retiros, Grupos de Estudo... Sou obrigado a confessar que durante minhas visitas fiquei maravilhado com o grande número e o dinamismo de tais grupos em alguns de nossos colégios, e penso particularmente no Oriente Médio onde, a par de grupos cristãos, há outros grupos ou atividades de serviço integrados por alunos de diversas religiões.

Além do mais, a pastoral não deve esquecer as belas tradições lassalistas que marcaram tantas gerações de nossos alunos, como a reflexão diária, a lembrança freqüente da santa presença de Deus, a oração no início de certas atividades, o acompanhamento espiritual, o contato com as máximas evangélicas, a participação litúrgica, a iniciação à vida sacramental...

E hoje, que falamos em Missão Partilhada, também é um fato que estamos vivendo uma Pastoral Partilhada, onde muitos de nossos colaboradores e associados participam ativamente nos projetos de pastoral dos centros, proporcionando com isto a insubstituível complementaridade de seu próprio estado de vida.

6.2. Diálogo

A espiritualidade de comunhão, numa Igreja que se define como Povo de Deus, nos deve levar a viver o diálogo em distintos campos e em diversos níveis dos quais um dos mais importantes no mundo globalizado em que vivemos, é o diálogo ecumênico e inter-religioso, inerente ao ser dialogante da Vida Religiosa, imagem do Deus Trindade. O convite para entabular este importante diálogo nos vem da própria Igreja: “Uma vez que o diálogo inter-religioso faz parte da missão evangelizadora da Igreja, os Institutos de Vida Consagrada não podem eximir-se de se empenhar também neste campo, cada qual segundo o próprio carisma e seguindo as indicações da autoridade eclesiástica” (Vita Consecrata, 102). E João Paulo II nos apresenta qual é a finalidade desse diálogo: “por meio do **diálogo** a Igreja tenciona descobrir ‘as sementes do Verbo’ (Ad Gentes, 11, 15), os fulgores daquela verdade que ilumina todos os homens - sementes e fulgores que se abrigam nas pessoas e nas tradições religiosas da humanidade” (Redemptoris Missio, 56).

O diálogo ecumênico e inter-religioso é uma realidade que estamos vivendo no Instituto graças à nossa internacionalidade. Com efeito, nossa presença no Oriente Médio, Ásia e África que data de há mais de 150 anos, sempre se tem distinguido por um espírito de respeito, diálogo e tolerância extraordinários. Pessoalmente, esta tem sido uma das experiências mais belas que vivi como Superior Geral do Instituto. Atualmente é um fato que há obras educativas las-salistas na Europa, e também cada vez mais, na América do Norte e na Oceania, onde uma porcentagem significativa de nossos alunos é constituída de muçulmanos, hinduístas, budistas e muitos outros grupos religiosos, ou por jovens não-crentes.

Já se têm tornado clássicas as dimensões desse diálogo, que vão desde o diálogo da vida ao do intercâmbio teológico, passando pelo diálogo da ação e da experiência religiosa (cf *Diálogo y Anuncio*, 1991).

A este respeito, nosso último Capítulo Geral nos diz como as grandes religiões vivem uma fé centrada no desígnio de Deus que criou a todos os homens, e que os chama a viver juntos como irmãos e irmãs, e caminhar para Ele como filhos e filhas. O cristianismo deve situar-se neste contexto e dialogar, ser tolerante, trabalhar junto com as outras religiões na construção de um mundo mais humano, sem deixar de ser testemunha de Jesus, manifestação do Pai.

Um Instituto como o nosso, dedicado à educação cristã, esbarra contra este dilema: criar um entorno ou núcleo educativo centrado na abertura intercultural e inter-religiosa e, por outro lado, sensibilizar os jovens cristãos a uma lealdade evangélica e eclesial.

O Capítulo nos convida a um diálogo inter-religioso em quatro níveis:

- * **Vida:** Irmãos, colaboradores e jovens devemos construir relacionamentos de amizade, e desenvolver a fraternidade transcendendo as diferenças religiosas.
- * **Escola:** um espaço de encontro onde a criança é o centro, seja qual for sua religião. Continua sendo um espaço de educação humana e religiosa, dando prioridade ao serviço educativo a pobres.
- * **Serviços:** os Irmãos, Colaboradores e jovens são solidários no serviço a pobres, apesar de suas diferenças religiosas.
- * **Institucional:** participando no diálogo inter-religioso em encontros nacionais e internacionais, e partilhando projetos comuns em favor da justiça e da paz (*Circular 447, página 36*).

Acredito que as raízes mais profundas do diálogo inter-religioso estão no Evangelho e nos ensinamentos, liberdade e práxis de Jesus. Para Ele, o mandamento principal é amar a Deus e ao próximo. Para Ele, no final da vida seremos julgados sobre o amor: “*Eu tive fome e me destes de comer; tive sede...* (Mt 25). O diálogo para além das diferenças religiosas nos deve levar a construir um mundo onde todos possam ser e sentir-se filhos e filhas de Deus; irmãos e irmãs entre si e ter uma atenção toda especial pelos pobres e os que sofrem. Numa palavra, construir juntos o Reino de Deus na base da acolhida, do perdão, da humildade, da familiaridade, da ternura, da solidariedade, da compaixão e da misericórdia.

Sem dúvida está na Ásia, berço das grandes religiões, o espaço privilegiado desse diálogo que hoje se abre às dimensões do mundo; por isso pedi a um dos nossos Irmãos na Malásia, com ampla experiência neste campo, que me explicasse as formas concretas de como viver o diálogo da vida e da experiência religiosa em nossas comunidades. Quero agora partilhar com vocês suas respostas. As diferenças no viver devem ser mutuamente complementares e enriquecedoras:

- Nossas comunidades tendem a identificar-se com um trabalho-serviço sistematicamente organizado, ao que se dedica muito tempo e se conta com os últimos desenvolvimentos; as comunidades das outras religiões enfatizam a vida em geral, e particularmente, a vida espiritual; a gente partilha com os membros dessas comunidades ao longo do dia, e seu trabalho é menos formal.
- De uma maneira ou de outra os religiosos católicos somos percebidos como eruditos e mestres, ao passo que eles são vistos como pessoas de oração, santas e espirituais.
- Em geral aparecemos como menos comprometidos diretamente com os pobres, mas somos admirados pela maneira como influímos intelectualmente nas pessoas.
- Assim como nossas comunidades religiosas se comprometem com a justiça e a paz, também há movimentos similares entre eles e instâncias para trabalhar conjuntamente.
- Sua meditação e oração salmódica parecem ser mais solenes e menos apressadas que nossas orações vocais.
- Em alguns casos suas comunidades religiosas são centros temporais de formação, onde seguidores de sua religião fazem uma substancial experiência, sem abraçar a vida religiosa por toda a vida.

A **experiência de Deus** que somos chamados a viver é também um ponto de encontro. Esta pressupõe a *purificação* como parte do processo, simbolizada pela água do batismo, os banhos na religião hinduísta, as aspersões de água no budismo... Esses ritos são sinais da integração do divino e do humano, como o expressa um poema sufista: “*Pensei tanto em Ti, que meu ser; passo a passo, se transformou em Teu Ser: Tu chegaste perto de mim, e, pouco a pouco, eu me distanciei de mim*”. Palavra que, em clave cristã, podemos traduzir por aquelas palavras de São Paulo: “*Com Cristo, eu fui pregado na cruz. Eu vivo, mas não eu: é Cristo que vive em mim*” (Ga 2, 19 e 20).

A purificação não é fim em si mesma, mas o caminho para a união com Deus. Quando a pessoa perdeu o “eu”, converte-se em sacramento de Deus: “*Aquilo que vê, ela o vê com os olhos de Deus; aquilo que ouve, ela o ouve com os ouvidos de Deus; e as palavras que pronuncia, serão palavras de Deus*” (poema sufista). Ou como Rabindranath Tagore o expressava ao compartilhar sua experiência de transcender as coisas e mergulhar-se em Deus: “*Não venho a Ti somente por um jarro de água, mas pela própria fonte. Não venho buscando guia somente até a porta, mas até para dentro da casa do Senhor; não busco somente o presente do*

amor; mas o próprio amor". Devemos reconhecer o Espírito, como o "Vento que sopra onde quer e ouves sua voz mas não sabes de onde vem, nem para onde vai" (Jo 3,8), e estar abertos a tudo quanto de nobre e de bom nos oferecem outras pessoas e outras religiões.

Certamente não se trata de cair no relativismo, e pensar que tudo vale. Damos a nossa contribuição a partir de Cristo, a quem seguimos e com quem nos queremos conformar. Não se trata de dizer que todas as opiniões são verdadeiras, mas, que todas as religiões nas quais se busca sinceramente a Deus, e que estão abertas às necessidades do próximo, sobretudo se é pobre e necessitado, são caminhos que levam a Ele.

As variadas experiências religiosas enriquecem o mundo, como G. Jung assevera: "Não importa o que o mundo pense sobre a experiência religiosa; quem a fez possui um grande tesouro de algo que para ele se converteu em fonte de vida, sentido, beleza, dando um esplendor novo ao mundo e à humanidade". O certo é que, quando se busca na religião a união e a presença de Deus, esta sempre se traduz num impulso para se doar em benefício do próximo. Neste sentido, podemos quase afirmar que fora da fraternidade não há salvação.

O diálogo inter-religioso nos abre imensas possibilidades com que, juntos, uns e outros, nos podemos defrontar. Por exemplo: Promover e fomentar o citado diálogo e o diálogo entre as culturas, evitando aquilo que se denominou de choque das civilizações; comprometer-nos com a paz e a não-violência; criar redes de solidariedade e trabalhar por uma ordem internacional mais justa, e por aqueles que vão permanecendo excluídos; defender a vida humana e a vida da natureza; ser testemunhas dos valores transcendentais e éticos...

E isto sem esquecer o dia-a-dia, o diálogo respeitoso e fraterno da presença cotidiana, que permite que nos sintamos bem com aqueles que são "diferentes", e ter consciência de nossa própria bondade num nível de amor e de amizade que supera o mero entendimento em nível de idéias ou conceitos intelectuais. Como diz o Irmão John D'Cruz, nosso Irmão da Malásia: "Nesses momentos de profundo, pessoal e autêntico partilhar de nossas histórias, sentimentos, anseios e sonhos, surgem também momentos de silêncio. Estes momentos de silêncio são um apelo para reprimirmos nossos pensamentos sem rumo, e nos abrirmos, com admiração, a um profundo conhecimento de nossa vida espiritual. É nestes momentos de silêncio que o verdadeiro diálogo brota do coração e lhe permite associar unidade e diversidade".

7. Tornar visível o rosto de Deus

O mundo de hoje necessita de mais que teorias, testemunhos e sinais que o desinstalem e o abram à transcendência. Nosso santo Fundador nos diz que os jovens aprendem mais pelo que vêem do que pelo que ouvem: "Porque o exemplo impressiona muito mais o espírito e o coração que as palavras. Isto se verifica particularmente nas crianças, cujo espírito ainda não é bastante capaz de reflexão. Assim, elas se formam ordinariamente pelo exemplo de seus professores, e se decidem mais facilmente a fazer o que vêem praticar do que aquilo que ouvem dizer, sobretudo se as palavras não corresponderem às ações" (Med. 202. 3). As instituições lassalistas devem oferecer uma escola alternativa de valores, crítica ao *statu quo*, modelo inspirador para uma sociedade inspirada nos valores do Evangelho.

A educação hoje deve levar os jovens ao encontro com Deus em seu próprio interior. Devemos educar para a interioridade. Paradoxalmente, isto se consegue quando facilitamos o descobrimento da própria limitação.

No Euro La Salle 94, de Estrasburgo, Gabriel Ringlet, vice-presidente da Universidade de Lovaina, na Bélgica, expressava isto com estas estupendas palavras: "Penso que hoje seja

urgente educar para a limitação. Em casa, na escola, na Igreja, no trabalho, no casal. Não é nenhuma desonra reconhecer os próprios erros, as tolices as infrações, as rugas... quando se é sacerdote, cônjuge, professores, vice-reitor, Pároco. Quando se é Deus. A única grandeza do cristianismo é ousar dizer que Deus é limitado. É ousar dizer que em cada homem, até mesmo no mais miserável existe uma brecha que abre a outro universo. A chave da experiência pedagógica, assim como a chave da experiência amorosa como a da experiência espiritual é a não-plenitude... Que maravilhosa vocação para a escola de hoje! Convidar a cada um a alcançar seu próprio território! Permitir a cada um descobrir sua terra prometida! Animar a cada um a dizer sua palavra! Ajudar a cada um a descer até sua verdade mais secreta!”

Mas isto não significa renunciar ao compromisso para o bem do irmão e da irmã. Hoje ouvimos falar do fim da história, como um convite para renunciar à utopia e ao compromisso. O que conta é a intimidade e a realização pessoal, um misticismo sem próximo nem história. Os três grandes valores do nosso mundo parecem ser o individualismo, a competência e o consumismo. Seguindo nesta reflexão, o jesuíta Manuel Díaz Mateos, que desempenha seu ministério apostólico no Peru, poderíamos dizer que estamos passando de Amós, profeta da justiça, a Oséias, profeta da misericórdia e do afeto. Agrade-nos ou não, devemos estar abertos aos *sinais* dos tempos que, com todas as suas ambigüidades, nos mostram o chão onde semear a Boa-Nova no coração dos jovens que educamos.

A um povo desanimando, ferido e exterminado, Oséias alenta com a linguagem cálida do afeto, do perdão e da graça: “...*Eu é que vou seduzi-lo levando-o para o deserto e falando-lhe ao coração*” (Os 2, 16) . Deus decide curar Israel com o carinho e o afeto. Não seria isto para nós um apelo para levarmos mais a sério as feridas do coração dos jovens, para curá-las? A Boa-Nova que a educação cristã traz, não é ela, acaso, e antes de tudo, a consciência de sentir-se amado, valorizado, feliz, como um modo de rebater a baixa auto-estima? E, numa sociedade em que tudo se vende e se compra, não teríamos nós que converter-nos para a gratuidade que nos permita desenvolver a capacidade de contemplar, de agradecer, de nos maravilhar diante do mistério ou da beleza?

Isto não significa renunciar à justiça. De fato, a união ao Senhor deve cimentar-se na justiça e no direito: “*Eu me caso contigo para sempre; casamos conforme a Justiça e o direito, com amor e carinho. Caso-me contigo com toda a fidelidade, e então conhecerás o Senhor.*” (Os 2, 21-22).

O convite de Jesus para nos tornarmos crianças, é um convite para nos abirmos ao mundo da graça, da ternura, da carícia, do afeto, como fazem as crianças. Sem dúvida, o homem de hoje, os jovens que educamos, necessitam sobretudo de uma palavra, de um gesto que lhes chegue ao coração, e ali se encontrarão com Deus e se abrirão a seus irmãos necessitados. O desafio sempre será saber unir esta atitude de aproximação e de compreensão com a palavra profética e o gesto contestatório, que brotam do mesmo amor. Acaso, não é esta a mensagem lassaliana? “*Deveis considerar vossa obrigação de conquistar o amor dos alunos como um dos principais meios para levá-los a viver cristãmente. Recordai-vos muitas vezes de que, se não usardes este meio, os afastais de Deus, em vez de levá-los a Ele*” (Med. 115, 3).

8. Conclusão

Sabemos que o nosso tempo, que podemos caracterizar por sua indiferença religiosa, paradoxalmente está marcado por uma sede espiritual incontestável. As manifestações deste fenômeno são discordantes e ambíguas. Não sabendo onde saciar a sede de infinito, está-se bebendo de todas as cisternas, cisternas muitas vezes danificadas, na imagem de Jeremias. Por isso, com o poeta Luis Rosales, poderíamos dizer:

De noche iremos, de noche
sin luna iremos, sin luna,
que para encontrar la fuente
sólo la sed nos alumbrá.

De noite iremos, de noite,
sem lua iremos, sem lua,
pois para encontrar a fonte,
somente a sede nos alumia.

O mundo de hoje, e particularmente os jovens, esperam de nós que partilhemos com eles um rosto renovado de Deus, fruto de nossa experiência pessoal e de nossa familiaridade com Ele. "O *que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos, e o que nossas mãos apalparam...* um Deus Amigo; um enamorado de cada ser, servidor humilde de suas criaturas, vindo para servir e não para ser servido, capaz de amar gratuitamente, de perdoar incondicionalmente, sempre próximo, que sofre na carne dos pobres, que anseia pela salvação, a felicidade, a ventura, a paz para todos, que ergue nossa dignidade e pede nossa responsabilidade... o Deus do Reino revelado por Jesus.

E, a partir desta experiência, devemos oferecer aos jovens e ao mundo, corações disponíveis para escutá-los, compreendê-los, pôlos novamente no caminho. **Comunidades** capazes de acolhê-los e orientá-los. **Escolas** que atendam às suas inquietudes. Uma **catequese** capaz de imprimir sentido às suas vidas e de comprometê-los na construção de um mundo mais fraterno, humano, solidário e participativo, antecipação do Reino. Uma **pastoral** que os faça viver em primeira pessoa a presença transformadora e a plenitude de Deus. Esta será a melhor maneira de viver associados ao Deus do Reino e ao Reino de Deus.

Irmão Álvaro Rodríguez Echeverría, FSC
Superior Geral

Para partilhar

1. Qual é a situação religiosa em que vivem as crianças e os jovens, ou os adultos, com os quais vocês trabalham? Está esta situação refletida neste caderno?
2. Quais aspectos do que vocês leram e sobre os quais refletiram trouxe alguma luz para sua vocação de catequista, “Ministros e Servidores da palavra”?
3. Quais textos de La Salle, lido neste caderno, lhes chamaram mais a atenção? Por quê?
4. A partir da situação que vocês vivem como educadores da fé, quais são os desafios mais importantes com os quais se defrontaram na leitura do texto, em cada um dos capítulos?
5. Na leitura e na reflexão do texto vocês encontraram chaves e pistas para superar as dificuldades que encontram em sua lida evangelizadora?
6. Como vocês deveriam promover em seu centros educativos essa dimensão essencial da missão educativa lassalista? Quais iniciativas vocês haveriam de propor?